

Mãe Palmeira e educação de base: depoimentos de quebradeiras de coco babaçu do Maranhão

Maria Elisabeth Araújo¹

Ana Cristina Araújo Maranhão²

Ana Maria Bezerra Ferreira³

Maria da Luz Fonseca de Sousa⁴

Introdução

Para estimular o interesse e debate entre os(as) leitores(as), coube às autoras reunir informações diversas para demonstrar a importância das quebradeiras de coco babaçu enquanto mulheres de luta, na natureza e como representantes reais da ecologia integral. Responsáveis pela coleta, quebra e transformação do babaçu em diversos alimentos e outros produtos que geram renda, contribuem para a preservação do meio ambiente e para a manutenção de saberes e práticas ancestrais e para o bem viver.

As mulheres, desde sempre, são as geradoras da vida humana ao compartilhar seu corpo para nutrir seus filhotes, amamentá-los quando criancinhas, produzir e preparar o alimento para que cresçam com saúde. Exatamente por essas razões que as quebradeiras de coco babaçu chamam de Mãe Palmeira aquele ser de onde elas tiram seu sustento e além disso, estabelecem uma relação de cuidado, identidade e preservação. Para além do cuidado com sua família e sua casa, essas mulheres trabalham integradas ao ecossistema, com um respeito absoluto de conservação, preservação e manutenção dos modos de vida, extraindo dele seus produtos nutritivos que chegam à sua mesa e ao mercado.

A fome é, sem dúvida, o maior crime que se pode cometer contra a vida, contra a humanidade, e as comunidades tradicionais dão exemplos históricos e atuais de equilíbrio natural e sustentabilidade entre o consumo ordenado e o cuidado com a casa comum (Boff 1999). Ao que se sabe, pela primeira vez, os temas

fome e a importância dos pescadores artesanais como fornecedores de alimentos saudáveis foram tratados à luz da ecologia integral. Questões nutricionais, de política pública e sobre o uso de território também estão discutidas e foram inspiradas nos depoimentos dos pescadores (Araújo; Alves; Simões, 2014).

A ecologia integral é um conceito (LS, 2015) que complementa muitos outros conceitos de ecologia porque insere completamente as pessoas nas mais variadas relações entre os seres na natureza, e se considera as questões socioeconômicas como as principais causas de injustiça social e destruição dos ecossistemas (Brighenti, 2018).

O presente texto nasce do desejo de anunciar as conquistas das quebradeiras de coco babaçu em suas comunidades e territórios ao longo de um processo histórico marcado pela opressão, exclusão e pela tentativa marginalização de seus saberes ancestrais. Mas há também a necessidade de denunciar o desmatamento e a falta de acesso às florestas babaçuais, as violências contra as mulheres, o direito dessa população à educação, ao alimento, à vida em família e em comunidade.

Em Freire (1997) esta denúncia se potencializa, uma vez que, para o autor, não basta reconhecer que o sistema atual não inclui a todos, mas também é preciso lutar contra ele e não assumir a posição fatalista de que não se pode mudar a realidade. Portanto, transformar essa realidade exige compromisso com a luta, assim como as mulheres quebradeiras de coco babaçu vêm fazendo ao longo do tempo, por meio da mobilização e da participação social.

Objetivo

O presente estudo reuniu informações para divulgá-las junto ao meio acadêmico e popular sobre as quebradeiras de coco babaçu do Maranhão, que lutam para salvaguardar os babaçuais, de onde tiram

1 Bióloga e professora aposentada da UFPE, extensionista e Educadora Popular.

2 Pedagoga, especialista em EJA, Formadora e Educadora Popular.

3 Pedagoga, especialista em Psicomotricidade, Formadora e Educadora Popular, atua junto às mulheres quebradeiras de coco babaçu do Maranhão, Piauí, Pará e Tocantins.

4 Bacharel em Direito, Educadora Popular, especialista em políticas públicas, gênero, raça e etnia.

seu sustento e contribuem para a ecologia integral, unindo a preservação ambiental.

Metodologia

A metodologia aqui adotada utilizou: I) dados secundários de publicações científicas, II) avaliações de documentários e III) depoimentos atuais. Estes estão intrinsecamente ligados às experiências realizadas por grupos de trabalho e movimentos sociais.

Resultados e discussão

Mãe Palmeira: é assim que as quebradeiras de coco babaçu (do tupi-guarani: fruto grande) identificam a planta que alimenta sua comunidade (IPHAN, 2017), dando-lhe um significado de ecologia integral na relação que tem com a natureza (LS, 2015). Para o Brasil, estão descritas 266 espécies em 38 gêneros da família *Areaceae* (Lorenzi, 2010), sendo *Attalea speciosa* e *A. phalerata* as espécies mais comuns (Carrazza; Ávila; Silva, 2012).

Os babaçuais estão em uma grande área (196 mil km²), chamada de Mata dos Cocais, que propicia uma interface entre três biomas brasileiros: Cerrado, Amazônia e Caatinga, presentes em diversos estados, cuja maior concentração está no Maranhão (70%), seguida pelo Pará e Tocantins (WWF 2021 *apud* Pinheiro; Corrêa; Araújo, 2024). Com cerca de 8 milhões de hectares de babaçuais em seu território, o Maranhão é o estado que tem a maior população vivendo da extração do coco babaçu (Pinheiro; Corrêa; Araújo, 2024).

O coco babaçu é um alimento saudável, com baixo teor de gordura e alto teor de nutrientes essenciais (Queiroga *et al.*, 2015) com grande potencial para a saúde humana. Conforme as falas das quebradeiras, da amêndoa extrai-se óleo, azeite e mesocarpo, triturado para fazer farinha. Praticamente todas as partes do coco e da palmeira são aproveitadas, desde a amêndoa até as palhas, e as cascas descartadas são usadas e vendidas como carvão. As folhas também são utilizadas para fazer chapéus e outros objetos, como cofos (cestos), abanos, leques, esteiras e peneiras.

Destruição ambiental versus economia solidária

A Mãe Palmeira dá pra gente o sustento, a vida, Quando cortam ela, ela chora mesmo e a gente também.

A partir dos anos 1980, as quebradeiras de coco babaçu do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB, se organizam em

grupos e aprendem maximizar a extração, os compostos das palmeiras para transformá-los em produtos variados que servem para a culinária, utensílios domésticos, combustível, artesanatos que são consumidos ou vendidos (IPHAN, 2017).

Vivem em comunidades tradicionais, compartilhando sua história, e exercem um papel fundamental na luta pela preservação da floresta de babaçu. Como habitantes locais e usuárias diárias desses recursos naturais, são as primeiras pessoas a notar os impactos negativos do desmatamento e o seu consequente uso insustentável. Elas percebem que a supressão vegetal afeta a disponibilidade de coco, a baixa qualidade do solo e da água. A diminuição da fauna local, como paca, tatu e quatipu, prejudicam a continuação da floresta, pois são esses animais os dispersores das sementes do babaçu.

Apesar dos desafios, elas continuam a lutar pela preservação dessa floresta e por um futuro mais justo para suas comunidades e territórios. A destruição da casa comum põe em risco a vida das quebradeiras, fazendo com que elas fiquem na linha de frente na luta contra o desmatamento e pela defesa dos direitos das comunidades tradicionais. Elas utilizam estratégias adaptativas e uma participação comunitária ativa para superar as dificuldades, incluindo a valorização do conhecimento tradicional, a agricultura familiar com técnicas agroecológicas visando uma economia solidária.

Trabalhadoras de luta: o MIQCB como exemplo

A luta continua porque as quebradeiras não existem sem as florestas de babaçu, sem a Mãe Palmeira. E se não resistir, as florestas também deixarão de existir: Cuidar da água e dos alimentos em comunidades, e cuidar da terra para agradecer o que ela nos dá. Por isso, elas afirmam: floresta em pé é floresta com mulher!

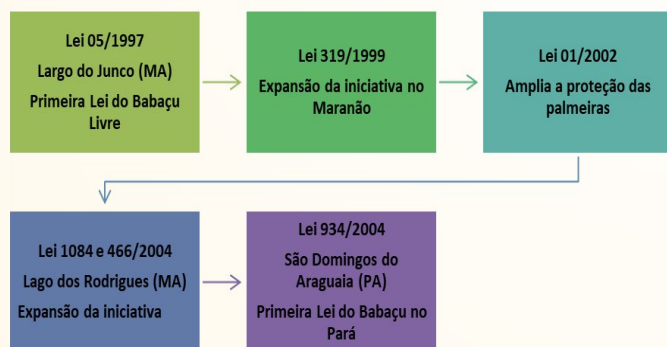
O trabalho dessas mulheres é mais do que uma atividade econômica, é uma prática social que fortalece a identidade das comunidades tradicionais e contribui para a preservação da biodiversidade e da cultura local. Assumem o protagonismo e carregam consigo uma luta histórica pelo direito ao território em defesa dos babaçuais.

Como resultado, a partir da segunda metade do século XX, importantes marcos políticos evidenciam algumas das conquistas advindas dessa trajetória. Ressalta-se a implementação da Lei do Babaçu Livre

(Maranhão, 2004) e a expansão dessa iniciativa por meio de leis municipais do Maranhão. Outro marco a destacar diz respeito à criação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), instituída por meio do decreto 6004/2007 (Brasil, 2007), a qual reconhece essas comunidades como defensoras das florestas, cujas práticas são voltadas à coletividade, pautada na produção de alimentos de forma sustentável. No entanto, há uma luta contínua pelo reconhecimento das quebradeiras como categoria profissional, bem como por direitos trabalhistas e sociais, uma vez que é fundamental garantir a segurança e a dignidade dessa população.

A criação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) em 1991 foi um marco na história das quebradeiras, unindo-as em uma rede de apoio e luta por direitos como acesso à terra, à água e ao babaçu, além de defender sua cultura e tradição. São seis regionais sendo, três no Maranhão, com sede na capital, e uma em cada estado, Pará, Piauí e Tocantins. O MIQCB emerge como uma organização que representa os interesses sociais, políticos e econômicos desse grupo, dando às mulheres do campo a possibilidade de serem vistas e reconhecidas por meio do conhecimento e da experiência que o trabalho do movimento oferece em uma visão ampliada de mundo. Sua missão está ancorada, dentre outros aspectos, na organização das quebradeiras, para o reconhecimento dos seus direitos, na promoção da autonomia política, na luta pela melhoria das condições de vida, com base no bem viver (MIQCB, 2023).

De acordo com Costa *et al.* (2025), o MIQCB, aliado a cooperativas e associações, possibilitou a criação de leis municipais que asseguraram o acesso aos babaçuais, conforme consta no quadro a seguir:



As quebradeiras conquistaram avanços por meio de leis municipais e estaduais que promovem o livre acesso aos babaçuais e a proteção contra a derru-

bada das palmeiras. Também houve a ampliação dos conhecimentos tradicionais por meio de programas de assessoria técnica rural, que levaram os produtos do babaçu a programas voltados à merenda escolar, hospitais, bancos de alimentos e outras instituições públicas.

Atualmente elas continuam se organizando em movimentos sociais e associações para defender seus direitos e buscar soluções para os desafios que enfrentam. Em julho de 2025, foi realizado em Brasília o Encontro Pré-COP das Quebradeiras de Coco Babaçu e dos Povos e Comunidades Tradicionais. A atividade reuniu lideranças de diferentes segmentos e regiões do Brasil, representando a diversidade de experiências, lutas e saberes dos povos da sociobiodiversidade. O encontro teve como principal objetivo debater os desafios e estratégias para garantir justiça territorial e climática a partir das vozes e protagonismo dos próprios povos, em preparação para a 30ª Conferência das Partes (COP30) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, que ocorrerá em 2025, em Belém, Pará.

O MIQCB busca a mobilização e a participação das quebradeiras de coco babaçu, ampliando conquistas a mais de 400 mil quebradeiras, incluindo jovens e outros membros de comunidades agroextrativistas.

Na zona rural dos municípios de Viana, Esperantina, Imperatriz, Matinha e Codó, os quais contemplam a região aqui estudada, as quebradeiras se envolveram com os movimentos de luta, como aquele que resultou em leis acima mencionadas. A maioria dessas mulheres são as mesmas que participam de outros movimentos com determinação, empoderamento e companheirismo. A sua coragem, junto às outras advindas de grupos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), protagoniza e organiza as ações dos manifestantes, assumindo as lideranças dos movimentos.

Até os dias de hoje, principalmente com a expansão do agronegócio, o conflito do uso da terra gera muita violência, especialmente direcionado às mulheres. Segundo relatos, cotidianamente são impedidas de ir aos babaçuais por capangas armados, cercas, ataques provocados por búfalos ou venenos lançados por drones sobre as florestas. Não são raros casos de estupro, humilhações e ameaças verbais que tentam intimidá-las sem ter quem as proteja.

Muitas quebradeiras se interessam em aprender mais, ter um certo grau de instrução recebendo educação formal para se sentirem mais inteiradas com as

questões que envolvem sua comunidade. As empresas parceiras, que implementam as cooperativas locais, trazem cursos técnicos para a obtenção de produtos do babaçu, como óleos e sabonetes, e também motivam as jovens lideranças a sair da zona rural e fazer faculdade nos grandes centros.

Entretanto os currículos oferecidos em cursos escolares (Nascimento, 2021) técnicos e universitários pouco ou nada valorizam o respeito que se devia ter pelas comunidades tradicionais e, menos ainda, de como trabalhar com elas. A importância de considerar as variáveis socioeconômicas na percepção de riscos ambientais por comunidades tradicionais é recomendada para que estudos futuros avaliem como a educação formal e informal tende a aumentar a criticidade em relação aos riscos ambientais (Melo *et al.*, 2025). A educação formal atrelada ao saber popular traz benefícios mútuos, e deveria ser assim.

Talvez por esses motivos seja comum que, ao retornarem à sua terra, esses estudantes se identifiquem mais com o grupo empresarial que os apadrinhou do que com a sua comunidade. Este é um ponto crítico que merece toda atenção para o desenvolvimento sustentável da atividade produtiva envolvendo o babaçu.

O cuidado da casa comum

*"Nada sobre nós sem nós".
Sem isso, perdemos nossa identidade,
morreremos como filhas das palmeiras
de babaçu e guardiãs da floresta.*

O trecho de uma canção de Zé Vicente (Paulinas-COMEP, 2015), "Todo grito por justiça que sobe do chão, é clamor, é profecia que Deus pronuncia para a conversão", demonstra a legitimidade cristã de lutas por justiça socioambiental, como aquelas que fazem as quebradeiras de coco.

Inspirado no Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis, e inquieto com essas questões, o Papa Francisco publicou a Encíclica *Laudato Si'* (LS, 2015). Esta obra foi construída com base no conhecimento dos ecólogos, porém, ultrapassa as hipóteses meramente biológicas e levanta um alerta urgente para que se afrente a corrupção, no seu sentido mais amplo da palavra. Torna-se imprescindível perceber que as discussões, publicações e ações – ditas ecológicas – devem considerar os efeitos contra a dig-

nidade humana, manter o pensamento social para que a desigualdade econômica seja extinta e que os parâmetros de uma cadeia alimentar em equilíbrio indiquem como evitar a destruição desenfreada da natureza.

A ecologia integral é um novo paradigma de justiça que abrange as relações ambiental, econômica, social, cultural e a vida cotidiana e "impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós" (LS, 2015; Brighenti, 2018). "Somos alertados o tempo todo para as consequências dessas escolhas recentes que fizemos. E se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir a nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, mas para salvar a nós mesmos" (Krenak, 2019). Este grande líder indígena, ambientalista e escritor nos faz o alerta: "A natureza não é um recurso, é a nossa casa".

Considerações finais

O cuidado com a Casa Comum deve ser apoiado por toda humanidade e ter como prioridade os pobres, as comunidades tradicionais que historicamente tem seu saber popular necessário para a conservação da natureza e dele obter sua subsistência.

Ao se introduzir esse texto está ressaltada a necessidade de anunciar, de se aproximar do debate que traz à tona o Movimento das Quebradeiras de Coco na luta pelo sustento da família, da preservação da vida e da biodiversidade. É urgente também denunciar os riscos aos quais essas mulheres estão expostas, o enfrentamento à opressão, às violências, às ameaças às tentativas de apagamento dos saberes ancestrais.

Para esta percepção, Freire (2000, p. 16) afirma que "o risco é ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história". Assim, assumir o risco é manter um posicionamento crítico com responsabilidade e comprometimento frente aos dilemas que permeiam o direito à terra, à vida sustentável, tal como nos ensinam as mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Agradecimentos

A todas as mulheres quebradeiras de coco babaçu, que participaram com as informações aqui apresentadas, e aos colegas do GEMEB, em especial à nossa estimada coordenadora Maria de Lourdes A. Silva.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria E.; ALVES, Maria D. O.; SIMÕES, Lília. **História de pescadores:** Meio ambiente, recursos pesqueiros e tradição em Rio Formoso, Pernambuco. 2014. E-book. Disponível em: [https://www.communityconservation.net/wp-content/uploads/directory/7928/Book%20-%20Historias%20de%20Pescadores%20-%20Araujo%20et%20al%20\(2014\).pdf](https://www.communityconservation.net/wp-content/uploads/directory/7928/Book%20-%20Historias%20de%20Pescadores%20-%20Araujo%20et%20al%20(2014).pdf). Acesso em: 27 jun. 2025.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BRASIL. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União** – Pág. 316, Seção 1, Número 28, de 08/02/2007 - Imprensa Nacional.
- BRIGHENTI, Agenor. **A Laudato Si' no pensamento social da Igreja:** Da ecologia ambiental à ecologia integral. São Paulo: Paulinas, Coleção Ecos de Francisco, 2018.
- CARRAZZA, Luís R.; CRUZ E ÁVILA, João C.; **Aproveitamento Integral do Fruto e da Folha do Babaçu** (*Attalea* spp.). Manual Tecnológico 5, Brasília, ISPN, 2012. Disponível em: <https://ispn.org.br/publicacao/babacu-manual-tecnologico-de-aproveitamento-integral/>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- COSTA, Danillo Vaz. PORRO, Roberto. PORRO, Noemi Sakiara Miyasaka. A identidade “quebradeira de coco” como símbolo de pertencimento na territorialização dos babaçuais. Disponível em: [IdentidadeQuebradeira.pdf](#). Acesso em: 31 jul. 2025.
- FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'.** Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FREIRE, Paulo. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. In: BRASIL; Senado Federal. **O livro da profecia:** o Brasil no terceiro milênio. Brasília: Coleção Senado, 1997. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/fc8a7ad8-c695-4fd4-9a99-cbe111805a75>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação.** Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, Unesp, 2000.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Universo cultural da palmeira babaçu.** SANTOS, A. M. dos; MUNIZ, C. P. L. (Orgs.), 119p. Ed. 2017. [Site da Internet]. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/universo_cultural_da_palmeira_babacu.pdf. Acesso em: 20 ago. 2025.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LORENZI, Harri. **Flora brasileira:** Arecaceae (Palmeiras). Ed. Instituto Plantarum, 368p. ISBN: 85-86714-368. 2010.
- MELO, Paulo W.; VIANA-JR, Arleu B.; ARAÚJO, Maria E.; MOURÃO, José da S. **Environmental risk perception and adaptative strategies in a neotropical fishing population:** Socioeconomic aspects and community participation. *Marine Policy*, v. 175, 106623. 2025.
- MIQCB. Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, 2023. Disponível em: [SOBRE NÓS](#). Acesso em: 3 ago. 2025.
- NASCIMENTO, Lisângela K. Comunidades tradicionais e educação escolar: Uma análise do currículo de geografia no estado de São Paulo (2011-2020). **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 11, n. 2, p. 237-258, 2021.
- PAULINAS-COMEP. **Boa nova em nossa vida**, do álbum Sempre Vida, de Zé Vicente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VhsHNtaqA7U>. Acesso em: 2 ago. 2025.
- PINHEIRO, Eduardo M.; CORRÊA, Thais R.; ARAÚJO, José R. G. A palmeira de babaçu e a importância do mesocarpo para alimentação humana: uma revisão. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n.7, p. 01-20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.7-140>.
- QUEIROGA, Vicente de P.; GIRÃO, Ênio G.; ARAÚJO, Idila M. da S.; GONDIM, Tarcísio M. de S.; FREIRE, Rosa M. M.; VERAS, Luiz de G. C. Composição centesimal de amêndoas de coco babaçu em quatro tempos de armazenamento. **Revista Brasileira de Produtos Agroindustriais**, Campina Grande, v. 17, n. 2, p. 207-213, 2015. Disponível em: https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1041658?locale=pt_BR. Acesso em: 23 jun. 2025.